

A margem da -- literatura universal

Para O DIA — Olívio de Franco Solórzano

O meu inteligente amigo e colega Julio Rocha Xavier, é um verdadeiro amante das coisas de Portugal. Tudo quanto para elle, ainda outro dia veio cumprimentar-me no rumo pequeno artigo em que eu comentava em poucas palavras, os resultados do congresso de "Instituto Internacional de Cooperação Intellectual" de Madrid, em que eu fazia, uns merecidos elogios ao escriptor Julio Dantas, bastante admirado, que no meio de tantos sociólogos e philosophos como Garcia Morente, Unamuno, Jules Romains, um ficcionista como Julio Dantas, quasi sempre vive afastado da realidade social, tivesse a visão mais viva da actualidade universal. E' um phenomeno mesmo de admirar, isso não ha duvida.

Se remontarmos ao passado da literatura, analysando-a desde de Cervantes, até os nossos dias, veremos, todos os ficcionistas quando muito, reflectirem o ambiente social em que vivem. Não falemos aqui de um Goethe ou de um Schiller e de outros tantos, elevados pelo aspero da genialidade creadora, mas dos intellectuaes, que vivendo num mundo, só comprehendem esse mundo. Assim fructo de uma época foi criador de D. Quixote e Sancho Pança, foi Shakespeare, foi Bacon, foi Diderot, foi Rousseau, foi Benimarchais, etc. Assim, mesmo no Brasil de hoje, vemos os nossos melhores intellectuaes preocupados terrivelmente, com a nossa situação actual. Uns abraçam a literatura revolucionaria concebendo romances proletarios; outros, os catholicos, fazendo romances inspirados em seus ideaes religiosos; uns mostrando a vida da fazenda de café; outros a vida dos engenhos de assucar, a existencia tragica dos colhedores de cana. Todos elles, discipulos de Graca Aranha, vivem na inquietude formidavel da renovação revolucionaria. Tivemos um Alencar no romantismo chocho do passado, tivemos lyricos quando o Brasil ainda via impulsionado pelo lyrico barato dos nossos poetas de aldeia, tivemos um Machado de Assis num periodo de transição cultural com a in-

vasão do objectivismo e do scientificismo avassalador do século XIX, conhecemos um Graca Aranha, quando o nosso país chafurdava miseravelmente na immoralidade publica com processos politicos os mais vergonhosos. São todos elles escriptores de reacção e todos elles representam épocas e periodos da historia.

O mesmo facto observamos no resto do mundo. Na Hespanha com Ortega y Gasset, com Blasco Ibanez, com Miguel Unamuno, Garcia Morente; nos Estados Unidos com Upton Sinclair; é um Tristan Bernard com "Visites Nocturnes", um Aguilera Malta com "Don Goyo", um Flaherty com "The Informer", um Ivan Busia, um Girardoux, um André Maurois, um Knut Hamsun e mesmo Malraux com o seu admiravel romance "La Conditio Humaine" e Stephan Zweig com a sua literatura suggestiva de interpretação psychologica.

Este foi o motivo principal de minha admiração pelas palavras de Julio Dantas quanto ao futuro da cultura.

Portugal de hoje, possui uma geração de intellectuaes bem mais culta que a geração dos Euz e dos Camellos. E' a geração de Ferreira de Castro, o autor maravilhoso de "A Seara" passado na nossa soberba amonizao e do Georio de Oliveira, o fino cothete e ensaísta invejado.

Não será essa reacção contra as phantasias mitologicas de um Anthero de Quental, Rocio de Oliveira Salazar?

A literatura hoje de Portugal possui um caracter mais amplo, expandiu-se, universalizou-se totalmente. E' só vermos e examinarmos as obras de um Georio de Oliveira, de um Ferreira de Castro, de um Martinho Nobre de Mello, e, fazermos a comparação analytica dessas obras, com as de Pinheiro Chagas e Forjaz de Sampaio.

Julio Dantas, pertencente a geração que transpoe o século XIX, modernizou-se, não adaptou-se a uma época a si, comprehendendo melhor a vida e o mundo, integrou-se na realidade moderna.

À MARGEM DA LITERATURA UNIVERSAL

O Dia – 14 de março de 1935.

O meu inteligente amigo e colega Julio Rocha Xavier é um verdadeiro amante das coisas de Portugal. Tudo quanto parte da terra lusa é sagrado para ele. Ainda outro dia, veio cumprimentar-me por um pequeno artigo em que eu comentava, em poucas palavras, os resultados do congresso do “Instituto Internacional de Cooperação Intelectual” de Madrid, em que eu fazia uns merecidos elogios ao escritor Júlio Dantas, bastante admirado, que no meio de tantos sociólogos e filósofos, como Garcia Morente, Unamuno, Jules Romain, um ficcionista como Júlio Dantas, quase sempre vive afastado da realidade social, tivesse a visão mais viva da atualidade universal. É um fenómeno mesmo de admirar, isso não há dúvida.

Se remontarmos ao passado da literatura, analisando-a desde Cervantes até os nossos dias, veremos todos os ficcionistas, quando muito, refletirem o ambiente social em que vivem. Não falemos aqui de um Goethe ou de um Schiler e de outros tantos elevados pelo sopro da genialidade criadora, mas dos intelectuais que, vivendo num mundo, só compreendem esse mundo. Assim, fruto de uma época foi o criador de D. Quixote e Sancho Pança, foi Shakespeare, foi Ibsen, foi Diderot, foi Rousseau, foi Beaumarchais, etc. Assim, mesmo no Brasil de hoje, vemos os nossos melhores intelectuais preocupados terrivelmente com a nossa

situação atual. Uns abraçam a literatura revolucionária concepcionando romances proletários; outros, os católicos, fazendo romances inspirados em seus ideais religiosos; uns mostrando a vida da fazenda de café; outros a vida dos engenhos de açúcar, a existência trágica dos colhedores de cacau. Todos eles, discípulos de Graça Aranha, vivem na inquietude formidável da renovação revolucionária. Tivemos um Alencar no romantismo chocho do passado, tivemos líricos quando o Brasil ainda vivia impulsionado pelo lirismo barato dos nossos políticos de aldeia, tivemos um Machado de Assis num período de transição cultural com a invasão do objetivismo e do cientificismo avassalador do século XIX, conhecemos um Graça Aranha, quando o nosso país chafurdava miseravelmente na imoralidade pública com processos políticos os mais vergonhosos. São todos eles escritores de reação, e todos eles representam épocas e períodos da história.

O mesmo fato observamos no resto do mundo. Na Espanha com Ortega y Gasset, com Blasco Ibanez, com Miguel Unamuno, Garcia Morente; nos Estados Unidos com Upton Sinclair; é um Tristan Bernard com “Visites Nocturnes”, um Aguilera Malta com “Don Goyo”, um Flaherty com “The Informer”, um Ivan Bunin, um Girardoux, um André Maurois, um Knut Hansun e mesmo Malraux com o seu admirável romance “La Condition Humaine” e Stephan Sweig com a sua literatura sugestiva de interpretação psicológica.

Esse foi o motivo principal de minha admiração pelas palavras de Júlio Dantas quanto ao futuro da cultura.

Portugal de hoje possui uma geração de intelectuais bem mais culta que a geração dos Eças e dos Camillos. É a geração de Ferreira de Castro, o autor maravilhoso de “A Selva”, passado na nossa soberba Amazônia, e de Osório de Oliveira, o fino esteta e ensaísta invejado.

Não será essa reação contra as fantasias mirabolantes de um Anthero de Quental lição de Oliveira Salazar?

A literatura hoje de Portugal possui um caráter mais amplo, expandiu-se, universalizou-se totalmente. É só vermos e examinarmos as obras de um Osório

de Oliveira, de um Ferreira de Castro, de um Martinho Nobre de Mello, e fazermos a comparação analítica dessas obras com a de Pinheiro Chagas e Forjaz de Sampaio.

Júlio Dantas, pertencente à geração que transpôs o século XIX, modernizou-se, não se adaptou a uma época e sim compreendeu melhor a vida e o mundo, integrou-se na realidade cósmica.